

FÁBIO ALVES

E-mail: fabio.alves@estadao.com Twitter: @colunafabioalve



Passos de bebê

O ponto de partida da crise fiscal é tão grave que alguns executivos financeiros mais pessimistas dizem que o importante agora não é o risco de o Brasil caminhar para a situação de falência da Grécia, mas sim a percepção de que somos todos já o Rio de Janeiro, um Estado sem condições de pagar seus pensionistas e servidores nem de atender às necessidades básicas de saúde e segurança.

Para esses pessimistas, o ajuste fiscal em curso pelo governo Michel Temer é demasiado gradual. E esse gradualismo, dada a trajetória acelerada da dívida pública, não evitará um eventual pânico dos investidores quanto à solvência do Brasil. Com a dívida bruta caminhando pa-

ra 80% do Produto Interno Bruto (PIB) ao fim de 2017, em comparação com 51,3% em 2011, sem maior crescimento econômico e controle dos gastos, essa proporção ultrapassará os 100% do PIB antes do que se espera.

Na visão dos pessimistas, o governo estaria fazendo pouco para tirar o País da recessão e recolocar a economia nos trilhos de uma maior expansão. Assim, segundo esses executivos, não seria o melhor caminho gastar a munição política de um governo de transição só com a aprovação da PEC 241, que limita o crescimento do gasto público à inflação, e da reforma da Previdência.

Ou seja, Temer e o ministro da Fazenda, Henrique Meirelles, estão dando passos de bebê quando a urgência da crise requer um esforço de um velo-

cista de 100 metros. O foco deveria ser recuperar o investimento imediatamente, na opinião dos críticos.

Diante dessa avaliação, ficam as perguntas: seria a estratégia de Temer e Meirelles acanhada demais para o tamanho do rombo das contas públicas? Seria a escolha mais acertada gastar as

A desarrumação fiscal da economia é tamanha que a recuperação virá gradualmente

fichas para aprovar o ajuste fiscal, em particular a reforma da Previdência, num mandato previsto para acabar em 2018? O que mais seria politicamente viável fazer, além do ajuste fiscal, em tão curto espaço de tempo? O Brasil já

se tornou o Rio ou caminha irremediavelmente para a situação da Grécia?

A melhor chance de o Brasil reverter a desconfiança de investidores, empresários e consumidores é aprovando uma reforma da Previdência razoável, que aumente a idade mínima de aposentadoria, desvincule o reajuste dos benefícios do salário mínimo e unifique os sistemas público e privado, combinada, obviamente, com a PEC 241.

Os pessimistas podem até considerar a aprovação dessas medidas como "passos de bebê", mas sem elas não haverá horizonte macroeconômico com um mínimo de organização, sem o qual os investimentos não virão. Se tudo o que Temer e Meirelles conseguirem fazer for a aprovação da PEC 241 e da reforma da Previdência, o Brasil estará no lucro, diante da bagunça e irresponsabilidade fiscal dos governos petistas.

A desarrumação fiscal da economia brasileira é tamanha que a recuperação virá gradualmente. Ou será realista esperar que grupos de interesses da sociedade vão abrir mão de privilégios tão facilmente? Portanto, gastar as fichas políticas na aprovação daquelas medidas é a melhor escolha que o governo Temer faz.

Isso não significa que o risco de o Brasil virar a Grécia esteja afastado,

uma vez que o País não tem histórico de responsabilidade fiscal longo o suficiente para tranquilizar investidores e analistas. Mas a ameaça de se tornar o Rio é alarmista demais, até porque, ao contrário do governo estadual, a União pode imprimir moeda, evitando o calote por meio de financiamento inflacionário.

Quanto à crítica ao gradualismo da política econômica diante da trajetória da dívida pública, agências internacionais de classificação de risco, investidores e economistas já antecipam que o endividamento seguirá crescendo mesmo com a aprovação da PEC 241 e da reforma da Previdência, embora em ritmo menos preocupante.

Se esses agentes considerassem as escolhas do governo Temer como demasiadamente graduais para a gravidade da situação, já teriam punido o Brasil com novos rebaixamentos do rating soberano e fuga de capital. Por enquanto, eis o veredito sobre essas medidas: é o que temos para hoje.

* COLUNISTA DO BROADCAST

FÁBIO ALVES ESCREVE ÀS QUARTAS-FEIRAS

Crise e Lava Jato travam parcerias estaduais e da União

Freio em obras de infraestrutura faz com que PPPs assinadas neste ano se restrinjam a contratos municipais

Douglas Gavras

Com os desdobramentos da Operação Lava Jato e os cortes orçamentários de Estados e da União, todas as Parcerias Público-Privadas (PPPs) assinadas neste ano foram municipais, segundo levantamento do escritório de direito Machado Meyer e da consultoria Radar PPP. Até o mês passado, seis contratos haviam sido firmados no País.

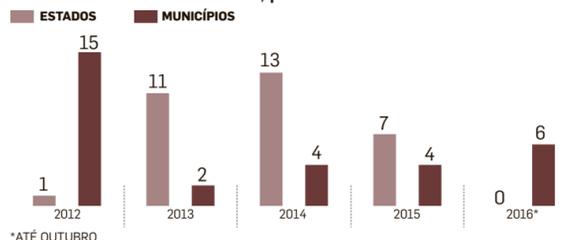
Em 2015, foram sete parcerias estaduais e quatro municipais. Os contratos dos municípios são, sobretudo, para atender a serviços de iluminação e de coleta e tratamento de lixo.

Alguns Estados até haviam sinalizado a intenção de desenvolver grandes obras em parceria com a iniciativa privada neste ano, mas não conseguiram tirar os projetos do papel, diz Sérgio Guerra, especialista em administração pública da FGV. "Em grave crise fiscal, a maioria não pode se comprometer a arcar com a contrapartida às vencedoras das concorrências."

Além disso, os projetos maiores, que eram assumidos pelas grandes construtoras do País, foram deixados de lado com o

ESCALA LOCAL

● Número de PPPs assinadas, por nível federativo



*ATÉ OUTUBRO

FONTES: RADAR PPP E MACHADO MEYER

INFOGRÁFICO/ESTADÃO

avanço da Operação Lava Jato, que limitou a capacidade de atuação de boa parte dessas empresas, analisa Guerra. Nesse cenário, os contratos

que consomem mais recursos, como aqueles destinados à construção de linhas de metrô e trens urbanos ou duplicação de estradas, por exemplo, acaba-

ram em segundo plano, de acordo com José Virgílio Lopes Enei, sócio do escritório.

"As médias e pequenas empresas ainda estão se organizando, em consórcios, para assumir obras maiores e a entrada robusta de estrangeiros pode ser uma alternativa, mas no futuro. Os nichos que hoje geram projetos são os que não eram ocupados pelas empreiteiras, como a iluminação pública."

Os contratos federais e estaduais, porém, devem recuperar espaço em 2017, avalia Guilherme Naves, da consultoria Radar PPP. "A União esgotou o estoque de projetos que podem ser resolvidos por meio de concessões, que não precisam de contrapartida do poder público pa-

ra se tornarem viáveis."

Fim de ciclo. Um outro fator que pesou na alta das parcerias municipais é que 2016 representa o fim de mandatos e os prefeitos querem entregar marcas na administração, diz Naves.

Duas das seis parcerias assinadas neste ano foram fechadas pela prefeitura de Belo Horizonte: uma de gestão de unidades básicas de saúde e outra de iluminação, que também prevê a substituição de lâmpadas e a modernização do parque.

A capital mineira tem, ainda, contratos nas áreas de educação e coleta de lixo e estuda a viabilidade de um edital para a construção de um centro administrativo, orçado em R\$ 600 milhões, segundo Júlio Onofre Mendes de Oliveira, diretor-presidente da PBH Ativos, que faz a gestão dessas parcerias.

ÚLTIMOS DIAS! NÃO PERCA

KEYNOTE SPEAKER

BLUFORD PUTNAM
ECONOMISTA CHEFE BOLSA
DE CHICAGO (CME GROUP)

PAINÉIS

O BRASIL EXPORTADOR DE STARTUPS

Com investimento de fundos nacionais e internacionais, diversas startups inovadoras surgem no Brasil e aceleram a modernização da agricultura

ALEXANDRE DE SENE PINTO
BUG AGENTES BIOLÓGICOSALMIR ARAÚJO SILVA
BASFMILTON LUIZ DE MELO SANTOS
DESENVOLVE SPSYLVIO ROSA
UNIFESP

POR UMA NOVA IMAGEM PARA O AGRO

O que os diferentes segmentos do agronegócio brasileiro podem aprender com as experiências bem-sucedidas na criação de estratégias de comunicação modernas e inovadoras?

EZRA GELD
J. WALTER THOMPSONJAIME TROIANO
TROIANO BRANDINGTIRSO MEIRELLES
FAESPMAXIMILIANO BAVARESCO
SONNE CONSULTORIA

DEMAIS PARTICIPAÇÕES CONFIRMADAS

CLAYTON MELO
STARTAGROLUIZ FERNANDO SÁ
PLANT PROJECTJULIANA JARDIM
MONSANTOROBERTA PAFFARO
CME GROUP

BIG DATA E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: COMO A AGRICULTURA DIGITAL ESTÁ TRANSFORMANDO AS FAZENDAS

O que é exatamente a agricultura digital e como ela pode auxiliar os produtores e toda a cadeia do agronegócio?

GUILHERME NASTARI
DATAGRONELSON FERREIRA
MCKINSEYULISSES MELLO
IBM21.11 | WTC
DAS 8 ÀS 18H | CONVENTION
CENTER

INFORMAÇÕES E VENDAS

WWW.SUMMITAGRONEGOCIO.COM.BR
SUMMIT.AGRO@ESTADAO.COM
11 3856 5986 (DIAS ÚTEIS DAS 10H ÀS 17H)